



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 20 – Ano X – 10/2021
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: ENSAIO SOBRE PROCESSOS DESEDOCATIVOS

Prof. MSc. Leonardo Perovano Camargo
Mestre em Educação Física UFES - Brasil
Doutorando em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo –
UFES / Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5487895597381201>
E-mail: leonardoperovano@gmail.com

Resumo: Percebe-se que a contínua busca por uma “pedagogia ideal” evidencia-se alinhada as intenções políticas das sociedades as quais estão vinculadas. Existem diversas verdades convivendo, umas mais democráticas, outras mais coniventes com o autoritarismo e por aí caminham as permeabilidades dos interesses políticos, encontrando espaço em algumas verdades e recebendo críticas mais pertinentes em outras. Portanto, tanto a pedagogia, quanto a educação, entre outras ações coletivas, estão ligadas por um viés ideológico, de cunho político. Podemos falar então em uma pedagogia e educação em alguns casos “deseducadoras” nestes meios, permeados por altas cargas de hora-aula, compromissos burocráticos, obrigações tecnológicas, prazos apertados, decisões verticalizadas, redução da autonomia docente, ataque a liberdade de cátedra e materiais didáticos criados fora de determinada realidade cultural, porém postos como o padrão ideal a ser seguido por todo o sistema de ensino. Concluímos que o caminho para a proposição de políticas pedagógicas mais democráticas e inclusivas é árduo, mas a outra opção (complacência), seria ainda mais dolorosa.

Palavras-chave: Educação. Ensino Superior. Pedagogia.

Introdução

Inicia-se essa reflexão, se debruçando sobre o texto de Vieira e Neira (2016) que aborda como a sociedade contemporânea interpela, pede explicações de forma inquisitiva, exige esclarecimentos dos sujeitos de formas diversas, interferindo diretamente no processo de construção da identidade docente dos professores universitários. Os autores optaram pela metodologia de história oral temática¹, investigando a constituição de identidade dos docentes das disciplinas didático-pedagógicas de um curso de licenciatura em Educação Física, na cidade de Sorocaba-SP, e analisaram as narrativas baseando-se nos pressupostos dos Estudos Culturais², divididos em aspectos epistemológicos e substantivos detectando a presença marcante de identidades docentes acríicas e solitárias, fruto de trajetórias de vida e subjetivações constituídas mediante relações de poder e processos sócio-históricos que mercantilizam a educação e que levam à instauração de práticas alienantes³ nas instituições de ensino superior (VIEIRA; NEIRA, 2016).

Apesar do foco principal ser a pedagogia universitária, tentaremos expor algumas considerações sobre pedagogia de modo geral, antes de nos especificarmos. Atualmente, testemunhamos “professores e pedagogos” adquirindo diplomas de forma ilícita, e bradarem ao mesmo tempo, serem anticorrupção e defensores das morais e dos bons costumes. Como então falar de uma “pedagogia ideal” nesse contexto? Há uma crise moral corroendo os processos pedagógicos. Ensaíamos um exercício de sintetizar alguns pontos de vista históricos, antes de propor uma análise desse processo.

Pontos de vista pedagógicos históricos

O primeiro ponto de vista é o relato de Claparède (1959), que estudou em uma escola militar na infância, e por conta de seu talento intelectual, recebeu altos

¹ A História Oral como técnica é um conjunto de procedimentos, utilizando gravações como pesquisa, sendo um produto do cruzamento da tecnologia com a criatividade humana (ROGER, 1986).

² Estudos Culturais não são uma disciplina distinta, mas uma abordagem amplificada dentro de diversas disciplinas que constituem este campo de investigação (ESCOSTEGUY, 2001).

³ Alienação é a redução da capacidade dos indivíduos pensarem e agirem por si próprios, redução de sua consciência e perda da percepção de sua responsabilidade na formação do mundo ao seu redor (BARROS, 2011).

rankings e se orgulhava de poder comandar seus colegas. Era uma espécie de vitória da inteligência sobre o físico.

Já adulto e reconhecido pedagogo, não se conformava com fracassos educacionais e afirmava aos futuros educadores que ao detectar algum fracasso, não culpassem os educandos e sim que tivessem o hábito de voltar a si mesmos, em atitude reflexiva, afirmando "a educação de si mesmo é aquela pela qual um educador deveria sempre começar?" (CLAPARÈDE, 1959).

Já Durkheim (1973) entendia a educação como a ação exercida pelas gerações adultas sobre as mais novas, uma via de mão única, que não se podia escapar e que deveria atender as necessidades da sociedade. Percebe-se uma concepção diferenciada de educação e pedagogia, com uma certa convivência com o poder vigente.

Lourenço Filho (1978), posteriormente, pretende romper com os ideais tecnicistas, acrílicos e tradicionais do passado, sendo necessária essa reflexão no período pós guerra, pois acreditava-se que os povos iriam tender naturalmente para a preservação da paz, fato este que se provou equivocado.

No caso de Dewey (1978), o autor afirma que não deveria haver separação entre a vida e a educação, não havendo momento de aprender-ensinar e momento de viver, ambos são "contínua reconstrução de experiência". Desse modo, nem toda experiência é de forma plena ou economicamente educativa. Há as que são deseducativas, "pois impedem ou perturbam a aquisição de novas e convenientes formas de vida".

Percebe-se que a contínua busca por uma "pedagogia ideal" evidencia-se alinhada as intenções políticas das sociedades as quais estão vinculadas. Existem diversas verdades convivendo, umas mais democráticas, outras mais coniventes com o autoritarismo e por aí caminham as permeabilidades dos interesses políticos, encontrando espaço em algumas verdades e recebendo críticas mais pertinentes em outras. Portanto, tanto a pedagogia, quanto a educação, entre outras ações coletivas, estão ligadas por um viés ideológico, de cunho político.

Apesar das legislações educacionais serem elaboradas por órgãos oficiais e transmutarem-se em direcionamentos legais para as instituições, que as adaptam a sua realidade, os professores no cotidiano das aulas tem sua oportunidade de apresentar de forma crítica e responsável sua interpretação. Há uma

responsabilidade moral de conscientizar seus alunos, aumentando a percepção dos mesmos a respeito das decisões políticas que nos afetam diretamente todos os dias. Neste ponto da responsabilidade moral nos debruçamos, afinal numa sociedade em crise, poderia esse docente sentir-se isento de tomar pra si essa responsabilidade, ou se alinhar com a ideologia em curso, mesmo que amoral, ou o próprio, possuir uma desvirtuação como no exemplo dos diplomas falsificados levantados anteriormente.

Conhecer como se dá a construção da personalidade individual dos docentes, pode ser um caminho para conhecer “como vem sendo” a docência no ensino superior e até que ponto certas práticas são aceitas, ajustadas ou refutadas. Se a pessoa viveu em um extrato social onde jovens negros sorrindo e fazendo sinal de paz com os dedos são inimigos do estado⁴, ao passo que um jovem branco fazendo sinal de arma com as mãos é filho de “cidadão de bem”, complexifica-se falarmos em inclusão, democracia e equidade.

Encontramos professores que reproduzem diretamente este discurso, enquanto outros o internalizam, deixando escapar suas crenças subjetivamente, de acordo com suas ações educativas, permeadas de intenções pedagógicas antidialógicas e reprodutoras das relações de poder existentes. Assim, nos tempos atuais, o Ensino Superior também segue os princípios vigentes, que são os do meio empresarial, sendo permeados por discursos e práticas que desprezam a diversidade cultural e a democracia (VIEIRA; NEIRA, 2016).

Trazendo o relato de experiências próprias, nota-se docentes no meio privado, mais preocupados com a manutenção do próprio emprego, do que com o compromisso com a formação de seus alunos. Arroyo (2018, p. 1) diz que a “função da pedagogia e da educação, desde Sócrates, é acompanhar a formação do ser humano em sua totalidade”.

Podemos falar então em uma pedagogia e educação em alguns casos “deseducadoras” nestes meios, permeados por altas cargas de hora-aula, compromissos burocráticos, obrigações tecnológicas, prazos apertados, decisões

⁴ Em experiência particular, ao apresentar em uma sala de aula de pós-graduação, para adultos de situação econômica estável, fotos de meninos negros sorridentes fazendo o sinal da paz, e de um menino branco em uma “palestra” fazendo um sinal de arma com as mãos, os adultos relacionaram os jovens negros como traficantes e o branco como uma criança feliz. Os jovens negros da foto apresentada, eram amigos de infância e foram assassinados pela polícia quando saiam para comemorar o primeiro salário que um dos amigos recebeu em seu emprego.

verticalizadas, redução da autonomia docente, ataque a liberdade de cátedra e materiais didáticos criados fora de determinada realidade cultural, porém postos como o padrão ideal a ser seguido por todo o sistema de ensino.

Une-se essas pressões mercantis a personalidades preconceituosas e tem-se como resultado docentes que não acreditam nas capacidades de seus estudantes, existem os “bons”, que são aqueles como ele próprio, se adequam mais facilmente ao sistema, e do outro lado os “ruins”, ou os que “dão trabalho”. Coincidentemente, percebe-se que os “trabalhosos” geralmente são aqueles mais pobres e marginalizados, geralmente reconhecidos como inferiores e “ineducáveis”. Arroyo (2018, p. 1) aconselha que “temos que rever radicalmente esse paradigma de humano a ser educado e de inumano como ineducável [e adotar] outro paradigma pedagógico, que reconheça que são [todos] humanos, educáveis, humanizáveis, que são gente”.

Novamente citando experiências pessoais, podemos dizer que desenvolvemos sim um olhar que produz julgamentos rápidos, que deduzem quais são os estudantes que estão ali na sala de aula mais interessados, outros que vem de realidades mais brutalizadas, outros que tem uma condição de vida tranquila, e por aí vai. O problema não é a construção de uma percepção não verbal, o problema é o que se faz com essa percepção, quais atitudes tomamos diante da diversidade humana.

Desafios da docência no ensino superior: atitudes deseducadoras

Como repensar atitudes deseducadoras? Em um cenário onde não se pode realizar reuniões pedagógicas para não onerar a instituição ou que não se pode estabelecer críticas positivas ao sistema com o risco da instituição ou sistema (entidades que parecem abstratas, mas que sabe-se a sua materialização política neoliberal) detectar aquele docente como “dando trabalho”. E o professor não quer se igualar ao aluno trabalhoso, ele acaba cedendo espaço para essa entidade “abstrata” ditar seu pensamento.

Se ele não buscar uma formação reflexiva por si mesmo (o que também é um risco, pois um professor “excessivamente” formado também “onera” a instituição),

acaba se tornando o docente acrítico revelado pelos autores citados na introdução. Arroyo (2018, p. 1) recorda que "é função da educação continuada criar espaços para que eles repensem sua formação inicial e confrontá-los com a realidade que estão vivendo".

Encontramos aí outra dificuldade, visto que a cultura branca, da elite econômica financeira privilegiada possui ampla aceitação na imposição de suas vontades diante de outras culturas de diversidade de valores e representações (MCLAREN; GIROUX, 2000). Ao nos depararmos com uma realidade onde as estudantes são na sua maioria mulheres, pobres, negras e de ampla diversidade de credo, como confrontar os docentes com a "realidade que estão vivendo", discutir seus valores próprios (na grande maioria das vezes, mera reprodução da cultura hegemônica) e realizar uma formação continuada que é desinteressante para o sistema?

Não há tempo, o mesmo sistema cria mecanismos avaliativos que acabam criando outras formas de criar uma competitividade alienante e ocupar ainda mais os docentes com uma complexidade burocrática que os afasta de sua responsabilidade pedagógica. Nos extratos de narrativa da pesquisa de Vieira e Neira (2016) encontra-se uma fala da professora Fabiana de que "hoje a gente tem uma pressão pelo ENADE. A gente é pressionado pelos estudantes. Só que depende muito da estrutura, da organização, de como a entidade é no trabalho com você. O grande problema hoje é que as faculdades são negócios".

E um negócio deve gerar lucro, não necessariamente entregar um produto com uma qualidade pedagógica confirmada, mas sim que "pareça" que está sendo entregue um produto de qualidade. Se determinada instituição consegue um bom *ranking* nestas avaliações, daí recebe socialmente o reconhecimento de um "melhor ensino". Mesmo que esse ensino seja apenas uma reprodução acrítica de linguagem técnica.

Esta lógica neoliberal que se fundamenta na produtividade, competitividade, "meritocracia" e individualidade na responsabilidade de todas as ações coletivas, acarreta docentes sobrecarregados de tarefas alheias a prática de reflexão pedagógica e os pressiona a atingir metas e resultados em curtos espaços de tempo, transformando a educação em uma mercadoria (NUNES, 2011).

Considerações finais

A revolução neoliberal proposta por Margaret Thatcher há décadas, que dizia que o Estado seria mais produtivo ao reduzir o seu papel e ao desregular-se a economia, confirma-se resultados opostos aos anunciados (VIEIRA; NEIRA, 2016).

Vieira e Neira (2016) constatarem que os reflexos das políticas neoliberais nas instituições educacionais são o foco contínuo na sustentação financeira, captação de novos alunos, manutenção a qualquer custo dos atuais estudantes e aumento contínuo de sua margem de lucro, assim, não há muito espaço para incentivo de professores preocupados com questões democráticas.

Estas pressões se apresentam de formas diversas e sutis nas diferentes instituições de ensino. Os autores citados anteriormente fizeram suas considerações finais na direção de apresentar que as identidades solitárias só desapareceriam se houvessem formas das instituições do Ensino Superior facilitarem a comunicação dos docentes entre si e com a comunidade acadêmica, criando instrumentos novos de ensino e pesquisa que enfrentassem esses desafios da docência no ensino superior em tempos neoliberais, alterando identidades solitárias por identidades solidárias.

Corroboramos com os autores, afirmando a necessidade do aprimoramento das capacidades críticas, estratégias para o enfrentamento das relações de poder e consciência de como a mercantilização da educação conduz a práticas alienantes de competitividade negativa entre os pares. Concluimos que o caminho para a proposição de políticas pedagógicas mais democráticas e inclusivas é árduo, mas a outra opção (complacência), seria ainda mais dolorosa.

Referências

ARROYO, Miguel. *Entrevista para plataforma Educação e Participação*. 2018. Disponível em <https://educacaoeparticipacao.org.br/acontece/miguel-arroyo-entrevista-professor-formacao> acesso em 05/11/2018.

BARBOSA, Rui. *Obras Completas de Rui Barbosa. Volume X, Tomo II*. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro: 1883.

BARROS, José D'Assunção. O conceito de Alienação no jovem Marx. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 23, n. 1, p.223-245. 2011.

CLAPARÈDE, Edouard – *A Escola sob Medida* – Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959, 1 edição.

DEWEY, John. *Vida e educação*. 11ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. 7ª Edição. São Paulo: Melhoramentos. 1973.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, Vozes, p. 151-170, 2001.

LOURENÇO FILHO M.B. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. 7ª Edição. São Paulo: Melhoramentos. 1978.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *A pedagogia de Rui Barbosa*. MEC. Brasília: 2001.

MCLAREN, Peter; GIROUX, Henry. Escrevendo das margens: geografias de identidade, pedagogia e poder. In: MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para novo milênio*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 25-50.

NUNES, Mário Luiz Ferrari. *Frankensteins, monstros e o Ben 10: fragmentos da formação inicial em Educação Física*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROGER, William. Notes on history. *International Journal of Oral History*, 7(1):23-8, Feb. 1986.

VIEIRA, Rubens Antonio Gurgel; NEIRA, Marcos Garcia. Identidade docente no ensino superior de educação física: aspectos epistemológicos e substantivos da mercantilização educacional. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, Porto Alegre, p. 783-794, ago. 2016.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 10/2021

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424